

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

Marília Barbosa de Melo

Em seu livro *Linguagem Escrita e Alfabetização*, publicado em 2012, pela Editora Contexto, em São Paulo, o professor e pesquisador Carlos Alberto Faraco apresenta diversas reflexões em torno da linguagem verbal e sua origem, bem como traça considerações acerca da variação linguística, da ortografia e de tantas outras temáticas pertinentes ao extenso leque do estudo da linguagem e de sua relação com a educação. É interessante acrescentar que, segundo Faraco, este livro é a reescrita de outro, publicado em 1992, o qual foi elaborado a partir da identificação de conflitos surgidos na prática pedagógica de professores da cidade de Curitiba.

Constando de 191 páginas, *Linguagem Escrita e Alfabetização* se organiza em seis grandes tópicos – Reflexões sobre a linguagem; Breve história do meio de expressão escrita; Escrita e escola; A ortografia do português: breve histórico; Representação das consoantes biunívocas; e, por fim, Representação das vogais e dos ditongos –, os quais se apresentam “fatiados” em partes menores e são didaticamente analisados pelo pesquisador. Apesar de não apresentar os referidos tópicos (e subtópicos) numerados, nesta resenha, escolheu-se por numerá-los a fim de facilitar a descrição do livro.

No primeiro tópico, intitulado *Reflexões sobre a linguagem*, o autor argumenta que a linguagem verbal é marca constitutiva da humanidade, sendo esta o ponto que nos diferencia dos animais. Assim, a linguagem animal é limitada e atende às demandas imediatas de comunicação, enquanto que a linguagem humana é ilimitada, é combinável entre si e atende às demandas de comunicação do presente, do passado e do futuro.

Faraco esclarece que ainda conhecemos pouco sobre o processo de aquisição da linguagem verbal pelas crianças, mas se sabe que esse processo acontece naturalmente, bastando que o indivíduo esteja inserido em uma determinada comunidade falante e, claro, não seja portador de faltas mentais ou auditivas. De acordo com o pesquisador, do mesmo modo que dispomos de informações inconclusas sobre o processo de aquisição da linguagem pelas crianças, ainda mais misteriosa é a origem da linguagem verbal. No tocante a isso, o linguista nos explica que existem apenas teorias que serviram como base para levantar questionamentos, porém, sem elucidá-los por completo.

No segundo tópico do livro, designado como *Breve histórico do meio de expressão escrita*, o investigador aponta que a escrita cuneiforme, surgida na Mesopotâmia por meio dos povos sumérios, é o mais antigo sistema de escrita conhecido até hoje. O surgimento de tal sistema de escrita esteve atrelado ao crescimento e desenvolvimento de atividades sociais da época, a exemplo da economia, do comércio, da política e da administração daqueles povos.

Nessa seção, Faraco traça um breve, porém rico panorama acerca do processo de evolução da expressão escrita, partindo dos sistemas logográficos (signos gráficos que representavam palavras), passando pelos silábicos até chegar à escrita alfabética, sendo esta última apontada como versátil, funcional e econômica, dada a quantidade de signos necessários à sua representação.

No recorte histórico demonstrado por Faraco, todo o trajeto percorrido pela escrita (desde os sumérios e fenícios até os dias de hoje) resultou no que convém chamar de “cultura letrada”, traduzida como uma vasta e complexa rede de práticas cognitivas, saberes e práticas socioculturais que a criação desses sistemas tornou possível. Ainda nessa segunda parte do livro, o autor apresenta uma rápida distinção entre fonética e fonologia, sendo a primeira a ciência que tem os sons da fala como objeto, e a segunda, a ciência linguística que estuda a organização do sistema sonoro da língua.

Já o terceiro tópico do livro em análise está dedicado ao *duo Escrita e escola*, em que o pesquisador deixa claro que, por séculos, a escrita foi uma prática socialmente restrita, estando vinculada aos núcleos de poder político, econômico e religioso. Segundo Faraco, com o tempo, esse cenário foi se transformando, influenciado por acontecimentos os quais o autor considera fundamentais para tal processo: o primeiro deles foi o desenvolvimento do design do códice (antecessor imediato do livro); e o segundo foi o aprimoramento da tecnologia do papel, seguido pela invenção da imprensa de tipos móveis.

Lentamente, esses fatores ampliaram o alcance social da língua escrita, promovendo o que o linguista chama de “grande onda alfabetizadora”, surgida em razão da produção industrial que, à medida que se desenvolvia, exigia trabalhadores qualificados. De acordo com Faraco, países europeus e os EUA universalizavam e expandiam a educação formal, fenômeno que não chegou aos países periféricos, a exemplo do Brasil, que, ainda nos dias atuais, colhe os frutos desse atraso. Aqui o autor ainda trata do papel da mídia impressa e de outras mídias na relação “escrita e escola”,

bem como faz breves apontamentos sobre a formação dos professores e a contribuição destes para a elaboração de um projeto político-pedagógico comprometido com a expansão do letramento.

No quarto tópico, o autor dedica espaço ao título *A ortografia do português: breve histórico*, no qual faz um retorno à Idade Média para destacar que a língua a qual conhecemos hoje como português começou a ser escrita aproximadamente no século XIII, período em que não existia uma norma gráfica geral. No contexto histórico de então, a escrita era algo estritamente limitado, pertencente às esferas administrativa, jurídica e religiosa; desse modo, ainda de acordo com Faraco, os escribas foram responsáveis pela criação de uma espécie de “ortografia” pessoal. Assim, desse “toque pessoal” dado pelos escribas à ortografia, surgiu uma vasta diversidade gráfica, que variava conforme a região em que o texto era escrito.

Para o autor, foi no Renascimento, por volta do século XV, que surgiu a necessidade de fixação de uma ortografia; melhor dizendo, de uma norma ortográfica geral que atendesse às demandas das diversas línguas modernas na Europa daquela época. Isso porque havia, a partir de então, a possibilidade de se publicar livros em grande escala, graças à invenção de Gutenberg. A questão é que tal fixação aconteceu em momentos e circunstâncias distintas para cada uma das línguas europeias; o português, por exemplo, só conseguiu fixar uma ortografia em 1911, ou seja, no início do século XX.

De acordo com Faraco, no Brasil, a fixação do português foi marcada por divergências políticas até que, em 1955, foi oficializada a ortografia do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) de 1943, fazendo com que Brasil e Portugal ficassem com ortografias próprias. Nesse quarto tópico, o pesquisador segue fazendo considerações acerca do Acordo Ortográfico de 1990, o qual, conforme o linguista, está em vigor no Brasil desde 2009 e ainda apresenta características do sistema gráfico do português.

Na sequência, o quinto tópico do livro está identificado como *Representação das consoantes*, em que Faraco aborda as relações biunívocas (100% regulares), as relações cruzadas previsíveis (regularidades contextuais), as relações cruzadas parcialmente previsíveis e parcialmente arbitrárias e, por último, as relações cruzadas totalmente arbitrárias. Além de tratar das relações existentes entre as unidades gráficas (letras ou dígrafos) e as unidades sonoras, nessa seção o pesquisador mostra uma série de

exemplos, esquemas e observações sobre tais relações que, acredito, não seria viável resumir aqui, visto que deixaria esta produção textual demasiadamente extensa.

O sexto tópico é bem semelhante ao quinto. Sob o título *Representação das vogais e dos ditongos*, trata da Representação das vogais orais; Representação das vogais nasais; Representação dos ditongos; Representação dos ditongos decrescentes; Representação dos ditongos crescentes; e Representação dos tritongos. Para cada um desses casos, o pesquisador traz exemplos, observações e a transcrição fonética de unidades gráficas e sonoras, tudo muito detalhado. Antes de chegar às considerações finais de seu livro, o linguista ainda nos apresenta os *Quadros de síntese*, parte dedicada a mostrar, de modo resumido, a essência dos dois últimos capítulos.

Avaliar o livro em análise é algo bastante relativo. Se levarmos em conta seus quatro primeiros capítulos – nos quais são tematizados os aspectos históricos da língua, os impasses acerca dos acordos ortográficos e os apontamentos que o autor faz sobre as linguagens –, pode-se dizer que sim, o livro é muito bom, pois são questões que deveriam ser do interesse de todos. Porém levando-se em conta os dois últimos capítulos, em que são tratadas as representações gráficas e sonoras da língua, podemos considerá-lo como um estudo mais restrito aos estudiosos de áreas específicas e que, em razão disso, talvez não agrade a todo e qualquer público. Após a leitura, vemos que **Linguagem Escrita e Alfabetização** se destina aos professores, aos discentes dos cursos de Letras e Pedagogia (tanto da graduação como da pós) e demais estudiosos que tenham interesse pelo grande tema do ensino da linguagem escrita.